Lição 2: Definição de movimento

283. Após estabelecer certos elementos necessários para investigar a definição de movimento, o Filósofo agora define o movimento:

De modo geral;

Mais especificamente, a partir do ponto 325.

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas:

Mostra o que é o movimento;

Investiga se o movimento pertence ao motor ou ao móvel, a partir do ponto 299.

Quanto ao primeiro desses, ele faz três coisas:

Apresenta a definição de movimento;

Explica as partes da definição, a partir do ponto 287;

Mostra que se trata de uma boa definição, a partir do ponto 291.

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas:

Apresenta a definição de movimento;

Fornece exemplos, a partir do ponto 286.

284. Quanto ao primeiro, deve-se entender que alguns definiram o movimento dizendo que ele é "uma saída da potência para o ato que não é súbita". Mas constata-se que estão em erro, pois colocaram na definição certos elementos que são posteriores ao movimento: pois "saída" é uma espécie de movimento; "súbito", igualmente, envolve tempo em sua definição — o "súbito" é o que ocorre no indivisível do tempo [isto é, no instante]; o tempo, no entanto, é definido em termos de movimento.

285. Consequentemente, é totalmente impossível definir o movimento em termos do que é anterior e mais conhecido de outra forma que não seja como o Filósofo faz aqui. Pois já foi apontado que todo gênero é dividido por potência e ato. Ora, potência e ato, por estarem entre as primeiras diferenças do ser, são naturalmente anteriores ao movimento, e é destes que o Filósofo

se utiliza para definir o movimento.

Considere, portanto, que algo é apenas em ato, algo é apenas em potência, e algo outro está no meio-termo entre potência e ato. O que é apenas em potência ainda não está sendo movido; o que já está em ato perfeito não está sendo movido, mas já foi movido. Consequentemente, aquilo que está sendo movido é o que está no meio-termo entre a potência pura e o ato, que está em parte em potência e em parte em ato — como é evidente na alteração. [ou quando a água é apenas potencialmente quente, não está sendo movida; quando já foi aquecida, o movimento de aquecimento está acabado; mas quando possui "certo calor, embora imperfeitamente, então está sendo movida — pois tudo que está sendo aquecido adquire calor gradualmente, passo a passo. Portanto, este ato imperfeito de calor existente em um objeto aquecível é o movimento — não, de fato, em razão do que o objeto aquecível já se tornou, mas na medida em que, estando já em ato, tem uma ordenação para um ato ulterior. Pois, se esta ordenação para um ato ulterior for retirada, o ato já presente, por mais imperfeito que seja, seria o termo do movimento e não o próprio movimento — como acontece quando algo se torna meio-aquecido. Esta ordenação para um ato ulterior pertence à coisa que está em potência para ele.

Similarmente, se o ato imperfeito fosse considerado apenas como ordenado a um ato ulterior, sob seu aspecto de potência, não teria a natureza de movimento, mas de princípio de movimento — pois o aquecimento pode começar a partir de um objeto frio ou morno.

O ato imperfeito, portanto, tem o caráter de movimento tanto na medida em que é comparado, como potência, a um ato ulterior, quanto na medida em que é comparado, como ato, a algo mais imperfeito.

Logo, o movimento não é a potência de uma coisa existente em potência, nem o ato de uma coisa em ato, mas é o ato de uma coisa em potência; onde a palavra "ato" designa sua relação com uma potência anterior, e as palavras "de uma coisa em potência" designam sua relação com um ato ulterior.

Donde o Filósofo define mais apropriadamente o movimento como a *enteléquia*, i.e., o ato, de uma coisa existente em potência enquanto está em potência.

286. Em seguida [195] ele dá exemplos de todas as espécies de movimento — como, por exemplo, a alteração é o ato do alterável enquanto alterável.

E porque o movimento na quantidade e na substância não tem um nome único da mesma forma que o movimento na qualidade é chamado de "alteração", ele dá dois nomes diferentes para os movimentos na quantidade, e diz que o ato do aumentável, e de seu oposto, i.e., o diminuível, para os quais dois não há nome comum, é "aumento" e "diminuição". Similarmente, os atos do gerável e do corruptível são "geração" e "corrupção"; e o ato do que é mutável quanto ao lugar é chamado de "mudança de lugar".

Nesta seção, o Filósofo usa a palavra "movimento" para qualquer tipo de mudança e evita o uso estrito em que "movimento" é distinto de "geração" e "corrupção", como será dito no Livro V.

287. Em seguida [196] ele explica as várias palavras da definição:

Ele explica o uso da palavra "ato";

Ele explica "de uma coisa existente em potência", em 288.

Ele explica "enquanto é tal", em 289.

Quanto ao primeiro, ele usa este raciocínio. Aquilo pelo qual algo previamente existente em potência se torna atual é um ato. Mas algo se torna atual quando está sendo movido, embora previamente estivesse em potência. Portanto, o movimento é um ato.

Ele diz, portanto, que é evidente que o movimento é um ato pelo fato de que o "edificável" implica uma potência para algo, mas quando o "edificável", de acordo com esta potência que implica, está sendo reduzido ao ato, então dizemos que está "sendo edificado" — e este ato é a "edificação" tomada passivamente. E o mesmo se verifica em todos os outros movimentos, como a doutrinação, a cura, o rolar, o saltar, a juventude (i.e., aumento), a velhice (i.e., diminuição).

É preciso lembrar que, antes de algo ser movido, está em potência para dois atos: para um ato perfeito, que é o termo do movimento, e para um ato imperfeito, que é o próprio movimento. Assim, a água, antes de começar a ser aquecida, está em potência para ser aquecida e para ter sido aquecida: quando está sendo aquecida, está sendo reduzida ao ato imperfeito que é o movimento, mas ainda não ao ato perfeito que é o termo do movimento — antes, com relação a este, permanece ainda em potência.

288. Em seguida [1977], ele mostra que o movimento é o ato "de uma coisa existente em potência".

Pois todo ato é estritamente o ato daquilo em que é sempre encontrado — como a luz nunca é encontrada a não ser no transparente, razão pela qual é o ato do transparente. Mas o movimento é sempre encontrado em uma coisa existente em potência. Portanto, o movimento é o ato de uma coisa existente em potência.

Para explicar a segunda proposição, ele diz que, uma vez que certas mesmas coisas são tanto em potência quanto em ato, embora não ao mesmo tempo, nem sob o mesmo aspecto — como, por exemplo, algo é quente em ato e frio em potência —, segue-se que muitas coisas mutuamente agem e são agidas na medida em que, isto é, ambas estão em potência e em ato com relação à outra sob aspectos diferentes. E porque todos os corpos naturais inferiores compartilham a mesma matéria, há, portanto, em cada um deles uma potência para o que é atual em outro. Assim, em todos esses corpos, algo simultaneamente age e é agido, tanto move quanto é movido.

Esse fato levou alguns a dizer absolutamente que todo motor é igualmente movido. Esse ponto será esclarecido em lugar posterior. Pois será mostrado na *Física* VIII (l.9 ss.) e na *Metafísica* XII (l.7) que existe um motor imóvel, uma vez que não está em potência, mas apenas em ato.

Mas quando aquilo que está em potência, embora existindo de certa forma em ato, age ou é agido por outro na medida em que é móvel, isto é, é reduzido ao ato do movimento, seja movido por si mesmo ou por outro, nesse momento o movimento é seu ato. É por isso que as coisas em potência, quer ajam quer sejam agidas, são movidas, pois quando agem são agidas e quando movem são

movidas — assim como o fogo, quando age sobre a lenha, é agido, na medida em que se torna mais denso pela fumaça, não sendo a chama nada mais que fumaça em chamas.

289. Em seguida [198], ele explica esta parte da definição, "enquanto é tal":

Por um exemplo;

Dando uma razão, em 290.

Ele diz, portanto, primeiro que a frase, "enquanto é tal", teve de ser acrescentada, porque o que está em potência é ao mesmo tempo algo em ato. E embora o sujeito que é tanto em potência quanto em ato possa ser o mesmo, contudo, ser em potência e ser em ato não estão contidos sob a mesma noção. Assim, embora o bronze seja uma estátua em potência, mas seja bronze em ato, contudo a noção do bronze enquanto bronze não é a mesma que a noção do bronze enquanto está em potência para uma estátua. Ora, o movimento não é um ato do bronze enquanto bronze, mas enquanto está em potência para uma estátua; caso contrário, durante todo o tempo em que fosse bronze, estaria sofrendo movimento, o que é claramente falso. É por isso que é necessário acrescentar "enquanto é tal".

290. Em seguida [199], ele explica a mesma coisa usando um argumento baseado na natureza dos contrários. Pois é claro que um dado sujeito está em potência para contrários — como um humor ou o sangue está em potência para a saúde e para a doença. Mas estar em potência para a saúde é uma coisa, e estar em potência para a doença é outra, se considerarmos seus objetos. Caso contrário, se poder estar doente e poder estar bem fossem a mesma coisa, seguir-se-ia então que estar doente e estar bem seriam o mesmo. Portanto, poder estar doente e poder estar saudável são noções diferentes, embora seu sujeito atual seja uma e a mesma coisa.

É evidente, portanto, que não há uma e mesma noção do sujeito enquanto é um certo ser, e enquanto está em potência para outra coisa. Caso contrário, a potência para coisas contrárias cairia sob uma e mesma noção. Da mesma forma, a noção daquilo que é "cor" e daquilo que é "visível" não são uma e a mesma.

Assim, foi necessário dizer que o movimento é o ato do possível "enquanto possível" — para evitar supor que é o ato do que está em potência enquanto é meramente algum sujeito.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:51:55 by Admin
Updated 1 October 2026 23:39:48 by Admin